

APRESENTAÇÃO

Desde sempre, o discurso literário se aproximou das sexualidades diversas e ditas desviantes para alguns ou para determinados momentos histórico-culturais, de modo a representar sujeitos praticantes de atos denominados contra a natureza, conforme esta fosse, então, entendida. Desde a Antiguidade Clássica, antes, mesmo, dos preconceitos de ordem religiosa, passando por Grécia e Roma, e, ainda, na Idade Média, a literatura – bem como a arte em geral – flagrou a constituição dessas representações polimorfas da sexualidade – a sexualidade é, inevitavelmente, polimorfa.

Chegado o Século XIX, a linguagem literária, que sempre ficcionalizou aspectos do homem em sociedade, aproximou-se dos discursos do conhecimento médico ou jurídico, na expectativa de legislar sobre e ordenar os corpos. O olhar que se debruçou sobre o sujeito incorporava, assim, muitas marcas da sociedade que configurou esse discurso híbrido, e seu caráter marginal foi visto sob lentes não muito simpáticas para aqueles, conseqüentemente, considerados fora do padrão da heteronormatividade. Com o passar dos tempos e com as várias conquistas obtidas pelos movimentos sociais, resultantes das demandas advindas da militância e da academia – em particular, a academia norte-americana, que muito contribuiu para tal –, os mesmos

sujeitos, antes objeto, em uma nova condição, passaram a interpelar e produzir o conhecimento sobre si e sobre os, agora, outros em relação a eles.

Diversos autores LGBTTT – lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros – começaram a escrever sobre si mesmos, seus desejos, suas experiências, seus companheiros de orientação sexual, suas vidas. A literatura de temática homoerótica – ou, ainda, homoafetiva, para se desprender dos valores de que se impregna o erotismo –, tanto masculina quanto feminina, produzida por sujeitos homo-orientados ou não – isso, de fato, não é a questão principal –, mas tendo como tema central, em sua maioria, relações afetivas de sujeitos homo-orientados, vem sendo, muitas vezes, vista como literatura produzida na marginalidade – a despeito de muitos autores e obras fazerem parte do cânone – e para um público marginal. Ainda assim, essa literatura está relegada a um lugar de ex-centricidade e, salvo raras exceções, excluída da chamada “literatura séria” – logo, incorporada no que se vem rotulando de “literatura menor”.

Daí ser muito comum, nos artigos selecionados para este número do *Caderno Seminal*, palavras-chave como Exclusão, Discriminação, Preconceito para lidar com textos cujos autores representam sujeitos cujas identidades se espriam

desde o caso de homens em dúvida sobre seus papéis de gênero até as travestis ou transgêneros em momentos de amor, paixão, desejo, bem como lésbicas e suas relações afetivas. Não será difícil encontrar na seleção de artigos vários modos de agenciar os desejos fora do projeto moderno de educação normativa, pois as performances de gênero exibidas nos textos ficcionais não se conformam em padrões identitários comuns ou ordinários, no sentido do cotidiano, do corriqueiro ou daquilo que é veiculado quase sempre pela mídia de um modo geral como perversão ou crueldade.

O que os leitores verão são artigos sobre ficções construídas sobre corpos políticos que assumem seus lugares no mundo através de suas diversas ações sejam elas amorosas ou odiosas, perversas ou doces, mas sempre com o sinônimo de invenção de uma vida possível em meio à violência heteronormativa a que são submetidos esses corpos.

O grande volume de submissões de artigos e a seleção final – que, por imposição de espaço, obrigou a exclusão de muitos bons trabalhos – impuseram a este número do *Caderno Seminal* um dilema – com tantos bons textos, como não publicar uma grande quantidade – quanto à sua organização estrutural. Não havia, para privilegiar a temática do dossiê, como garantir a publicação de artigos

nas duas sessões – Dossiê e Temas Livres. Assim, optou-se por, excepcionalmente, por, neste número, publicarem-se apenas trabalhos que se ativeram à temática proposta: “Homorrepresentações ficcionais na literatura”.

Assim, será possível ver neste mosaico que se abrirá diante dos olhos dos leitores uma série de possibilidades para os amores e desamores homoeróticos que a ficção não cessa de inscrever a partir do momento em que se interessem por todos os amores humanos, considerados estes em sua amplitude da carga afetiva que todos nós podemos exercer sobre nossos corpos, afetos e desejos. Boa leitura!

Fábio Figueiredo Camargo (UFU)
Flavio García (UERJ)